

Ano 5, vol VIII, 2012-1, jan-jun, Pág. 121-135

O FEMININO RUPESTRE EM SÃO RAIMUNDO NONATO (PIAUI): MUITO ANTES DE 1500

Michel Justamand

*(UFAM – Universidade Federal do Amazonas – Benjamin Constant)
micheljustamand@yahoo.com.br, Tabatinga – Amazonas-Brasil*

RESUMO: Há mais de mil sítios arqueológicos identificados em São Raimundo Nonato na região do sudoeste do estado do Piauí. Entre eles se encontram muitos com vestígios rupestres. Tais vestígios apresentam cenas do cotidiano dos primeiros grupos da região e do país, como: caçadas, rituais, cerimoniais, sexo, parto, amamentação, andanças, animais e geometrismos. Ali estão contidas as histórias, mesmo que de forma fragmentada, e também as culturas desses grupos. As cenas rupestres apresentam os afazeres, desejos, emoções e necessidades cotidianas desses primeiros habitantes da região piauiense. Elas mostram, também, algumas relações sociais. E entre essas estão as que definem os “gêneros” dos antropomorfos pintados indicando, segundo inferem os pesquisadores dessas cenas, o feminino e o masculino. Assim, aparecem as cenas de parto, as de sexo, cerimoniais e as de amamentação, relacionadas diretamente com as questões do feminino. Essas são as cenas que intenciono mostrar para análise e reflexão no evento. Algumas dessas cenas já são conhecidas de um grande público e outras ainda não, a junção das mais conhecidas com essas outras é que desejo abordar para as ponderações. Essa forma artística, plasmada nas rochas da região piauiense nos remete às ideias sobre como teria sido a vida desses habitantes e também sobre as suas relações sociais e grupais. E, parece-nos, que também contribuiria para entender melhor as relações de “gênero”. Assim, “gênero”, cultura e arte estariam em consonância na História mais ancestral do Brasil, mostrando como os gêneros desde os tempos imemoriais e mais remotos se relacionavam, de tal modo que as cenas e suas histórias poderiam servir de exemplos para as nossas relações sociais atualmente.

Palavras-chave: Feminino. Pinturas rupestres. Piauí.

LO FEMENINO RUPESTRE EN SÃO RAIMUNDO NONATO (PIAUI): MUCHO ANTES DEL 1500

RESUMEN: Hay más de mil sitios arqueológicos identificados en São Raimundo Nonato, en la región suroeste del estado de Piauí (Brasil). Entre ellos, se encuentran muchos vestigios rupestres. Éstos presentan escenas cotidianas de los primeros grupos de la región y del país, como cacerías, rituales, ceremoniales, sexo, parto, amamantamiento, andanzas, animales y geometrismos. Ahí están historias, aunque de forma fragmentaria, e igualmente la cultura de esos grupos. Las escenas rupestres presentan los quehaceres, deseos, emociones y necesidades cotidianas de los primeros habitantes de la región del estado de Piauí. Muestran, también, algunas relaciones sociales. Entre ellas, están las que definen los “gêneros” de los antropomorfos pintados, indicando, según lo inferido por investigadores de esas escenas, lo masculino y lo femenino. Así, las escenas de parto, las de sexo, las de ceremoniales y las de amamantamiento se relacionan directamente con las cuestiones de lo femenino. Son éstas las que pretendo mostrar y analizar en el evento. Algunas de ellas son ya conocidas del gran público; otras no lo son, y la junción de las más conocidas con las demás es lo que deseo

abordar para hacer ponderaciones. Esta forma artística plasmada en las rocas de la región de Piauí nos conduce a ideas sobre cómo podrían haber sido la vida de sus habitantes, sus relaciones sociales y, también, creemos que aporta para el entendimiento de las relaciones de “género”. Así, “género”, cultura y arte estarían en consonancia en la Historia más ancestral de Brasil, mostrando cómo los géneros se relacionaban desde los tiempos inmemoriales y más remotos, de modo que las escenas y sus historias podrían servir como ejemplos para nuestras relaciones sociales actualmente.

Palabras-clave: Femenino. Pinturas rupestres. Piauí

Introdução

Desde tempos imemoriais os humanos têm produzido arte¹ e, em decorrência disso, tem existido um esforço para que as primeiras formas artísticas sejam conhecidas, reconhecidas e aceitas como arte ancestral. Afinal, nossos primórdios tinham tempo, disposição e interesse em produções artísticas que representassem seus sentimentos e sensações. As produções que recebem esse nome têm em comum, muitas vezes, o fato de não ter autores reconhecidos. Nós hoje não os conhecemos e suas manifestações estão dispersas por todos os continentes. As pinturas rupestres chamadas por muitos, inclusive ideologicamente, e por nós também, de arte rupestre estão plasmadas em todos os cinco continentes. Essas artes têm uma grande diversidade de técnicas e de formas. Além de suas cores e cenas que são inúmeras. Passíveis dessa forma de múltiplas interpretações e questionamentos como entende a teoria pós-processual em arqueologia².

No Brasil, há inúmeros vestígios de grupos humanos e de suas formas de registrar seu cotidiano. Encontra-se entre os vestígios de nossos ancestrais ossadas, pingentes, cerâmicas, arcadas dentárias, colares, estatuetas, gravuras e pinturas rupestres. As pinturas rupestres, que alguns preferem chamar de inscrições, outros de imagens rupestres e/ou ainda de arte rupestre, representam um acervo de milhares de cenas e imagens solitárias que estão espalhadas por todos os Estados e regiões do país.

No Estado do Piauí, está concentrada uma porção significativa dessas cenas e imagens. Encontra-se em parques nacionais no estado piauiense, como o da Serra das Confusões e do Parque Nacional de Sete Cidades. Outro parque nacional é o da Serra da Capivara no sudoeste do Estado. Dentre as cenas e ou imagens proeminentes desse parque selecionamos para esse artigo as que têm

¹As produções rupestres são uma das formas de arte dos povos ancestrais de tempos imemoriais. Há outras abordagens e teorias arqueológicas que não veem dessa mesma forma.

²SENE, Gláucia Aparecida Malerba. *Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais*. Tese(doutorado) USP: MAE, São Paulo, 2007, p. 5-18.

relação com o feminino ou as “mulheres” nas cenas rupestres, algo que já foi fruto de estudos nossos anteriormente³.

Esse artigo contará com duas partes, uma retratando especificamente a questão das “mulheres” nas cenas rupestres de São Raimundo e também suas relações com alguns outros locais do mundo e, em seguida, a discussão sobre a sexualidade dos grupos inscritas nas imagens rupestres da região do Parque Nacional Serra da Capivara no estado do Piauí.

As “mulheres”, ou o sexo feminino, acreditamos, estavam presentes partilhando e tomando parte em todas as discussões artísticas, socioculturais, econômicas e políticas dos grupos humanos desde a aurora dos tempos e em todos os recantos do globo. Nessas cenas rupestres, elas aparecem em diversas funções e/ou atividades dentro dos grupos humanos ancestrais como amamentação, relação sexual, no momento do parto e ou ainda dançando, deixadas pelos grupos caçadores e coletores. Esses grupos que habitaram as terras *brasilis* muito antes de 1500, data oficial da conquista dos povos europeus, dividiam os afazeres cotidianos entre os dois sexos. Acreditamos que as mulheres dividiam com os homens as decisões políticas, econômicas, culturais e os rituais⁴.

Nas cenas rupestres da região piauiense, as “mulheres”, ou o feminino, são representadas, segundo os arqueólogos, por uma marcação circular embaixo das pernas e também, algumas vezes, por estarem com os braços para traz. A arqueóloga Anne-Marie Pessis chama de cavidade vaginal o círculo feito embaixo das pernas dos antropomorfos femininos. Acrescenta, ainda, que não é o sexo feminino ali representado e sim o aparelho sexual receptor do falo masculino⁵. O tema das “mulheres” nas cenas rupestres é atualmente posto em discussões internacionais e também em análises pelos cientistas da FUMDHAM - Fundação Museu do Homem Americano -, da UFPI – Universidade Federal do Piauí - e de outras instituições internacionais, como foi apresentado no último encontro em torno da temática rupestre em São Raimundo Nonato⁶.

³JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 93-99.

⁴Dentre as funções e atividades das mulheres nos grupos ancestrais está o fato de serem mestres de cerimoniais, curandeiras, chefes políticas, caçadoras, coletoras, conhecedoras dos costumes das plantas e dos animais. Sobre esses temas ver: AUDEL, Jean M. A filha das cavernas: vol. I Da saga, Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008. Ver também: AUDEL, Jean M. *Os caçadores de mamutes. A saga dos filhos da Terra*. Trad. Sophie Penberthy Vinga. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1985. E ainda: AUDEL, Jean M. O vale dos Cavalos. Trad. Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982.

⁵PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. Parque Nacional Serra da Capivara. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2003, p. 116.

⁶BUCO, Cris; IGNÁCIO, Elaine; OLIVEIRA, Ana Stela N. & NASCIMENTO, Ana Clélia do. A mulher na pré-história da Serra da Capivara. FUMDHAMentos IX, Global Rock Art: Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre. IFRAO, Parque Nacional Serra da Capivara, PI, 2009.

Entre as diversas cenas rupestres estão as que relacionam as “mulheres”, ou o feminino, e o sexo. Conta-se em centenas tais cenas e momentos inscritos nas rochas pelos primeiros andantes⁷ da região nordestina e piauiense. Estavam em diversas cenas sociais e envolvidas, como deveria ocorrer hoje com a presença feminina em muitas atividades socioculturais, políticas e nas tomadas de decisão. Como foi salientado por Gláucia Aparecida Malerba Sene, em sua tese de doutorado (2007), quando trata da importância da participação das “mulheres” em diversas etnias pelo mundo afora. Desde tempos imemoriais e até o presente momento, então, as “mulheres” fizeram e fazem a diferença nas sociedades⁸.

Acreditamos que a presença das “mulheres” nas mais diversas atividades sociais e culturais é importante e por isso deve ser buscada, valorizada, incentivada e debatida. Quando tal não se faz presente consideramos que é um desperdício para as relações sociais como um todo. Perde-se muito sem a presença e participação feminina nas decisões. Atualmente, aqueles que acreditam que outro mundo é possível, um mundo onde caibam muitos mundos, como sugere os zapatistas, diferente desse mundo real que é acima de tudo e muitas vezes hierarquizado, machista, excludente, preconceituoso e explorador. Contra esse mundo que nós nos insurgimos e os grupos caçadores nos parece têm muito a contribuir para as reflexões sobre as nossas vidas no sistema atual.

Para nós, a presença do feminino ou das “mulheres” nas cenas rupestres são os sinais de respeito e de mostrar que estavam/estariam inseridas nas decisões mais importantes dos grupos ancestrais como gostaríamos que estivessem hoje também. Acreditamos ainda que fosse e é necessária a presença feminina em todas as tomadas de decisão que dizem respeito a todos e todas. Inclusive porque, dessa forma, com a participação efetiva das mulheres, as tomadas de decisão serão mais participativas e democráticas. Assim como deve ter sido em outras épocas e entre outros grupos na história da humanidade.

As sociedades caçadoras e coletoras que nos referimos viveram no período de 6 a 12 mil anos antes do presente, no Brasil. Conforme datações arqueológicas baseadas no contexto em que foram pintadas/plasmadas, tais formações artísticas fazem parte do que os cientistas convencionaram chamar de Tradição Nordeste de pinturas rupestres. Essa tradição é uma das muitas tradições rupestres do Brasil.

⁷ Sobre as andanças termo construído para representar as primeiras caminhadas dos primeiros humanos da região da Serra da Capivara, para saber mais ver: JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

⁸SENE, Gláucia Aparecida Malerba. *Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais*. Tese de doutorado USP: MAE, São Paulo, 2007, p. 38-50.

Parece-nos que os grupos caçadores e coletores da região piauiense viviam na afluência sociocultural e na abundância alimentar sem guerras genocidas como as nossas, tinham tempo para todas as suas atividades sociais como andanças, cerimoniais, rituais e danças e ainda despendiam poucas horas de trabalho, isso significava mais tempo para descanso e para as suas visitas sociais inclusive, conforme sugerem Richard Leakey⁹ e Marshall Sahlins¹⁰.

Solange Bastos contribui sugerindo que as diferenças e divisões sexuais são criações muito atuais. Para a autora, pode ter sido tudo diferente do que imaginamos, poderiam eles terem vivido em uma harmonia sexual e da divisão de trabalho, diferentemente do que se defende nas teorias antropológicas do século XIX, vide Morgan e Engels, na qual poderiam homens terem feito trabalhos de mulher e o contrário também é válido¹¹.

Quem sabe se o exemplo das sociedades caçadoras e coletoras ancestrais fossem usados, outras relações, talvez menos sexistas, fossem desenvolvidas de modo diferente das que as nossas sociedades praticam atualmente.

As ‘mulheres’ ou o feminino nas pinturas rupestres

As “mulheres” integrantes dos bandos primitivos tinham papel crucial na formação e no desenvolvimento do conhecimento ancestral. Elas trabalhavam entre si e também com os homens e o faziam em benefício de todos. Dividiam o resultado dos trabalhos em uma base igualitária¹². Nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, existem cenas de mulheres grávidas, em posições de parto, amamentação ou sexo.

As mulheres tinham papéis sociais na religiosidade e na vida cotidiana, segundo Simone de Beauvoir:

[...] infundiam nos homens primitivos um respeito misturado ao temor que se refletia nos seus cultos. A mulher encarnava, para o homem, o aspecto diferente da natureza. Os filhos vinham-lhe como dádivas sobrenaturais. Os misteriosos fluxos do corpo da mulher permitiam trazer a este mundo os tesouros que jaziam no fundo das nascentes da vida. Por isso as figuras de

⁹LEAKEY, Richard. *Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro*. Trad. Maria Luiza da Costa G. de Almeida. São Paulo: Melhoramentos, 1982, p. 160/172.

¹⁰SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. Trad. Betty M. Lafer. In: CARVALHO, Edgard de Assis (org.). *Antropologia Econômica*. São Paulo: Livraria de Ciências Humanas, 1978, p. 7/17/20.

¹¹BASTOS, Solange. *O paraíso é no Piauí. A descoberta da arqueóloga Niède Guidon*. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010, p. 37.

¹²REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 10.

mulher da época das cavernas eram usadas como objetos de culto e magia. Elas não representavam pessoas, personificavam mistérios¹³.

Entretanto, a essas mulheres nunca foi dado o devido valor, tanto que elas pouco aparecem nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato. Nas cenas de partos e de sexo, contudo, suas imagens transmitem sensações como respeito e temor. Além disso, é preciso lembrar que nem sempre é possível determinar o gênero das figuras, pois muitas vezes, os genitais não eram pintados¹⁴. Em algumas cenas do cotidiano o demarcador sexual não é visto. Talvez por não julgarem os artistas ser necessário tal demarcação sexual, ou ainda, por poder mostrar que ambos os sexos eram capazes de realizar tais atos. Há inúmeras cenas de rituais e ou de caçadas que não aparecem os demarcadores sexuais.

Pelo fato de terem a responsabilidade materna, as mulheres, ao contrário do que muito se escreve, eram investidas de poder e prestígio nas comunidades primitivas. A maternidade não era vista como um momento de sofrimento ou que simbolizava a inferioridade do gênero¹⁵. Elas tinham papel importante no seio das sociedades primitivas, impedindo a tirania sociocultural ou econômica dentro dos grupos¹⁶.

Carleton Coon listou afazeres específicos das mulheres como cozinhar, conservar a família aquecida, gerar fibras para a confecção de cestos, curarem doenças, aliviar dores e usar o carvão¹⁷.

Entre os grupos primitivos, as mulheres proporcionavam a principal fonte alimentar, pois os vegetais, raízes e frutos eram fontes de alimentação mais seguras do que a carne. Elas também desenvolveram o conhecimento da vida local e, assim, foram responsáveis, indiretamente, pela domesticação dos animais¹⁸.

Na Europa:

Havia, pintados em vermelho sobre o fundo amarelo, homens correndo caçando com arcos e flechas; mulheres com saias em sino, dançando em volta de um boneco masculino; animais empinando-se, enquanto flechas voavam na sua direção; ao lado de carreiros de animais de caça espreitava

¹³BEAUVOIR, Simone de. Apud WENDT, Herbert. *A procura de Adão*. Trad. João Távora São Paulo: Melhoramentos, 1953, p. 266/283-4.

¹⁴JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 93.

¹⁵REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 34.

¹⁶IDEM, ibidem, p. 76.

¹⁷COON, Carleton S. *A história do homem*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960, p. 107.

¹⁸REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 36.

uma figura extremamente vigilante e tensa: o caçador com sua nova arma maravilhosa, o arco flexível¹⁹.

Para além dessa citação das fontes europeias, parece-nos razoável que as mulheres contribuíssem com as sociedades em que viviam muito mais do que se pode imaginar e ou supor. Para Jean Auel, as mulheres teriam sido capazes de realizar caçadas, ao menos de pequenos animais, e ainda mais, sem a parceria dos homens também seriam capazes de contribuir nas caçadas dos grandes animais em conjunto com os homens²⁰. O que modifica o que se pensa a respeito das práticas das mulheres do período. Isso porque ainda se acredita que às mulheres cabia apenas serem boas domésticas ou mães de família. Elas também exerceram afazeres variados que se imaginam restritos aos homens.

Em São Raimundo Nonato, é comum ver cenas de humanos caçando e de animais sendo atingidos por flechas ou mesmo correndo em bandos. Mas e as mulheres? Onde estariam? O que elas faziam enquanto os homens caçavam? Será que elas não iam junto às caçadas? E as crianças dos bandos como ficariam, caso as mulheres fossem às caçadas? Segundo Friedman:

A Sra. Neandertal trabalhava nos couros dos ursos que o marido encontrara e abatera no novo lar. Seria muitíssimo trabalhoso preparar as peles, mas valia a pena: que ótimos capotes e cobertas dariam para proteger a todos dos ventos e neves da próxima tempestade! As crianças brincavam junto dos pais, famintamente farejando o odor do boi que a mamãe assava no quente borralho da lareira. Dentro da caverna, o crânio e os compridos ossos do boi haviam sido cuidadosamente armazenados: dariam, na próxima refeição, gostoso festim de miolos e tutano. Ótima coisa se o Sr. Neandertal trouxesse bastante carne para casa: com isso, a família não passaria fome terrível, pois a terra estava, invariavelmente, tão coberta de gelo e neve que não brotava nada²¹.

Como já afirmamos acima, entendemos que as mulheres contribuíssem inclusive nas caçadas dos grandes animais, mas nunca esquecendo de que foram as possíveis responsáveis pela domesticação dos pequenos animais. Assim, parece-nos que a vida das primeiras habitantes brasileiras era parecida: preparavam as refeições mantendo a vida grupal, interagiam nas decisões dos grupos, participavam das cerimônias religiosas, mantinham relações sexuais e tinham seus filhos renovando o grupo. Caçavam e até poderiam ter sido as líderes religiosas. Como nem em todas as cenas de antropomorfos rupestres há as indicações de sexualidade, supomos que elas podem ter participado e não apenas os homens teriam ocupado também as funções sociais de lideranças religiosas e ou comunitárias. Aspectos sociais e íntimos delas foram plasmados nas

¹⁹WENDT, Herbert. *A procura de Adão*. Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, s/data, p. 286/287.

²⁰AUEL, Jean M. *A filha das cavernas: vol. I Da saga, Os filhos da Terra*. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008, p. 296/301.

²¹FRIEDMAN, Estelle. *A formação do homem*. Trad. Almira Guimarães. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960, p. 73-4.

rochas brasileiras. Como cenas de violência (que não se sabe ao certo se são cometidas contra as mulheres), sexo, amamentação e partos.

Na Europa, por exemplo:

A mulher de Cro-Magnon não só cozinhava as refeições, como arranjava tempo para apresentar-se atraente quando o marido voltasse da caça. Enquanto ele valorizava sua alta e forte estatura pintando no corpo desenhos coloridos, a mulher Cro-Magnon que mantinha as faces rosadas com carmim, sem dúvida teria orgulho de seus penteados, embora não tenhamos meio de verificar isso. Gostava de joias e adornava-se com botões de marfim e colares de conchas, contas e dentes²².

As rochas de São Raimundo Nonato e região enquadram-se nesse relato, pois também apresentam cenas de humanos vestidos e com adornos nas cabeças. Há, ainda, cenas de humanos desmanchando animais, tirando-lhes o couro e os dentes. Inúmeras são as cenas de caçadas, provavelmente, para que essa carne alimentasse toda a família.

Friedman relata que:

As mulheres trabalhavam duro em suas tarefas domésticas. Os grandes montes de neve que serviam de congeladores sempre continham bom pedaço de mamute pronto a ser assado para o jantar da família. Além de cozinhar, havia sempre muito serviço a executar. Peles de raposa deviam ser raspadas, amaciadas e cortadas como vestimentas. Então, vinha a hora de fazer a linha de tendões de renas, ou costurar as roupas com agulhas de osso. Corante vermelho mineral devia ser esmagado para encher os potes de carmim, e dentes de raposa deviam ser enfiados como colares. Em verdade, não havia tempo para mandriar²³.

Temos como suposição que, no território brasileiro, as mulheres também trabalhavam pelo grupo e participavam ativamente da sociedade em que viviam. Não eram meros receptáculos dos desígnios naturais. Portadoras dos futuros entes dos grupos, eram sim lutadoras, incentivadoras e atuantes.

As diferenças entre os gêneros eram pequenas e baseavam-se no quesito força, aspecto que determinava quem ficava com as crianças e quem praticava as atividades externas, por exemplo. Para isso, também existiam outros fatores, como a gravidez e a amamentação. Às mulheres cabia a colheita de vegetais nutritivos e a captura de pequenos animais, além de cuidar do acampamento e do fogo. Aos homens eram legadas as tarefas de caçar, proteger o grupo²⁴ e a realização dos cerimoniais.

²²IDEM, *ibidem*, p. 86/88.

²³IDEM, *ibidem*, p. 95.

²⁴NARR, K. J. Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana. In: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. *Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural*. Coord. Egon Schaden. São Paulo: EPU-USP, 1977, p. 21.

Os fatores determinantes para que as mulheres ficassem em “casa” não impediram que elas desenvolvessem um aspecto muito importante para a vida dos grupos, que foi a domesticação de pequenos animais²⁵. Fato que teria colaborado no futuro com a própria domesticação dos grandes animais, como os bovinos. Isso ocorreu devido ao instinto materno e ao carinho das mulheres e das crianças com os filhotes trazidos pelos homens²⁶.

As meninas, nas sociedades primitivas, tornavam-se mulheres na primeira menstruação. A própria natureza humana dava conta de mostrar para elas que a sua maturidade chegara. Para os homens, eram necessários os cerimoniais, os ritos e mitos. A mulher representava a própria natureza, concedendo o nascimento e garantindo a nutrição de todos, como afirma Campbell²⁷.

As figuras femininas nas cenas da subtradição Serra da Capivara da Tradição Nordeste eram representadas, algumas vezes, em tamanhos maiores que os homens, o que mostrava a valorização do gênero feminino nessas sociedades. Como é o caso da cena do parto. As mulheres, as árvores e os animais eram responsáveis pela sobrevivência da espécie, assim tinham o respeito das comunidades primitivas²⁸.

Além de serem responsáveis pela sobrevivência do grupo, as mulheres colaboraram na conservação dos alimentos e em sua preparação. Elas desenvolveram as técnicas do curtume e da conservação das peles²⁹. Mas, sem dúvida, elas contribuíram com suas técnicas para muito além da subsistência física. Assim como são as pinturas que funcionavam como transmissoras do cotidiano da época para os próprios transeuntes locais³⁰.

Nas pinturas rupestres do Piauí, a indicação do sexo masculino era feita de formas diferentes e em posições diferentes e fica aparente em muitas figuras. Para a genitália feminina, usavam um

²⁵AUEL, Jean M. A filha das cavernas: vol. I Da saga, Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

²⁶REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 36-7.

²⁷CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 87. Ver também; JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). *História e representações: cultura, política e gênero*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012, p. 101.

²⁸COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. *Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil*. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, 2003, p. 167.

²⁹REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 43.

³⁰JUSTAMAND, Michel. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012, p. 25.

semicírculo ou um círculo, mas raramente era apresentada. O comum nas cenas rupestres era aparecer o ventre de forma proeminente, no caso das mulheres grávidas³¹.

Os Iroqueses, grupo indígena da América do Norte, exemplificam a importância das mulheres para todos os grupos ancestrais. Para eles, não considerar os conselhos femininos era uma ofensa. As mulheres eram tidas como as donas da terra e responsáveis pela geração da vida de todos, por isso eram veneradas³². Esta aí um exemplo a ser seguido entre as sociedades ditas complexas e modernas do mundo ocidental, branco, machista, judaico, cristão, protestante, punitivo, controlador, vigilante, egoísta, individualista e, por fim, capitalista.

Embora a educação, no geral, ficasse a cargo das mulheres, o ensino da caça cabia aos homens. Como sugere Reed, apoiada em Chapple e Coon, o ato de caçar era educativo, pois propiciava um ótimo exercício para o corpo e a mente. Caçar estimulava a cooperação, o autocontrole, a agressividade, a engenhosidade e as invenções. Ou seja: caçar foi uma grande escola para a formação dos grupos humanos³³. Já para Auel as mulheres também podem ter sido caçadoras e ainda colaborarem com os homens em diversas outras atividades³⁴.

A questão da sexualidade entre os caçadores e coletores

Há muitas cenas de pinturas rupestres representando relações sexuais. O sexo era um fato natural. Graças a não serem da tradição monogâmica judaico-cristã e católica que vê a sexualidade como um pecado. Sexo somente no casamento. Esse é um dos mandamentos dessa tradição religiosa e social. Algo que não nos parece ser o caso entre os caçadores e coletores, nem os ancestrais e nem entre os históricos. Todos eles lidariam com a sexualidade de outras formas.

Os pintores pré-históricos, tanto os africanos quanto os brasileiros, mostravam as cópulas humanas nas posições mais variadas, com certo realismo. Nas pinturas rupestres africanas, há uma série de homens mascarados com gigantescos falos eretos, prestes a penetrarem mulheres em posição ginecológica³⁵.

³¹MONZON, Susana. A representação humana na arte rupestre do PI: comparações com outras áreas. *Revista do Museu Paulista*. Nova série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP 1981/82, p. 402.

³²REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 67.

³³IDEM, ibidem, p. 43. Ver também: JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). *História e representações: cultura, política e gênero*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012, p. 102.

³⁴AUEL, Jean M. *A filha das cavernas: vol. I Da saga, Os filhos da Terra*. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008, p. 262.

³⁵KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana. Trad. vários. In: (org.) KI-ZERBO, J. *História Geral da África*. Trad. Beatriz Turquetti et al., v. 1. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982, p.689/ 691.

A sexualidade é uma temática bastante recorrente nas cenas de pinturas rupestres da Tradição Nordeste. Na região de sua abrangência, inclusive em São Raimundo Nonato – PI, são comuns cenas de sexo entre casais, com três pessoas e até mesmo em grupos. Zoofilia e pedofilia aparecem nas cenas rupestres da região. Aliás, essas cenas aparecem também entre outros povos do mundo, conforme descreve Timothy Taylor³⁶.

Nas cenas de excitação coletiva, os falos representariam “espadas”, ou seja, simbolizariam poderio e força. A cena dos beijoqueiros, segundo Costa, mostra que o bucal se desenvolveu como importante zona erótica ao longo de toda a vida humana³⁷.

Steven Pinker critica Hobbes e Rousseau por acusarem os “selvagens” das terras distantes da África, América e Ásia de não terem laços de amor e viverem solitários, além de levarem uma vida sem ofício ou arte. Para Pinker, havia sim trabalho, amor e vida entre os grupos, como evidenciam as pinturas³⁸ e outros vestígios deixados pelos primeiros ocupantes das *terras brasilis*.

Nas pinturas rupestres da Serra da Capivara, há cenas de danças que com tamanha desenvoltura plástica demonstram certa sensualidade entre os primeiros habitantes, mostra também os seus aparelhos sexuais. A liberação da energia sexual era a finalidade das práticas sexuais primitivas, lembra Fodé Diawara. Os ancestrais relacionam-se de outras formas com as suas práticas sexuais. Embora as pinturas tragam cenas consideradas obscenas, bárbaras e imorais pelo observador ocidental, é preciso lembrar que a sexualidade primitiva está acima do plano religioso e moral; é a modalidade de ligação entre o homem e o Ser, comenta ainda Diawara. Composto uma força cósmica primordial, Eros tem o poder de harmonizar os ritmos da vida humana com os da natureza³⁹.

Entre as cenas pintadas há algumas que lembram sexo grupal ou ainda cenas de humanos com animais que chamam muito a atenção, pois remetem a um período sem as restrições morais e éticas da tradição religiosa judaico-cristã. Tradição religiosa e social já muito debatida, criticada e discutida por uma grande gama de autores marxistas, ou não, e ou revolucionários, que em suas obras se levantaram contra e não aceitaram as imposições de regras e as repressões de todas as

³⁶TAYLOR, Timothy. *The history of sex: four million years of human sexual culture*. Bantam/Fouth Statte. s/d, 1 e editora.

³⁷COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. *Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, 2003, p. 257/272.

³⁸PINKER, Steven, *Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, p. 27/96.

³⁹DIWARA, Fodé. *O manifesto do homem primitivo*. Trad. Franco de Sousa. Lisboa: Futura, 1973, p. 102.

extirpes e em todos os recantos do mundo⁴⁰. Elas apenas demonstram desejo de libertação e transcendência.

Considerações finais

Julga-se que é preciso então pensar, ver e agir de forma diferente no que diz respeito às relações entre os gêneros. Tais relações na nossa ancestralidade territorial foram feitas de outras formas, talvez mais harmoniosas do que muitas atualmente. Também julgamos importante no que diz respeito às relações sexuais.

Temos como certo que as relações de gênero e sexuais entre os caçadores e coletores, ou seja, os primeiros habitantes da terra *brasilis*, podem ser um exemplo a ser seguido. Isso devido ao fato que tais relações mostram-nos que é possível ter outras e também melhores e mais profícuos entendimentos sociais entre os gêneros e suas relações. Entendemos que as relações podem ser mais amenas, reflexivas, partilhadas, solidárias, companheiras e dinâmicas. Poder-se-iam as relações serem mais saudáveis e alegres. Como bem nos mostram as cenas de danças e de diversão. Mas também outras tantas de entendimentos sociais e entre os gêneros. Algumas cenas que apareceram no artigo e outras que não.

Espera-se que tais reflexões sirvam para se pensar, ver e agir de outras formas em nossa sociedade atual. Uma sociedade que se diz moderna, aberta e que diz também lutar contra todas as formas de preconceitos, onde se encaixam a luta contra os preconceitos nas relações de gênero, mas que como bem sabemos ainda é preciso muito para ser superadas. Então, sonha-se que elas sejam um bastião de igualdade social e sexual e que, talvez, a história pregressa de nosso território, com suas nuances cotidianas e seus registros nas rochas, nessas dobraduras e fissuras, de um tempo que já se foi no país, juntamente com seus habitantes, que já se foram e mais a sua arte gráfica, gravada, mantida, usada pelos grupos mais ancestrais, possam de alguma forma, contribuir nesses nossos intentos, modernos abertos de termos uma sociedade mais respeitadora. Esperamos que esses exemplos tornem-se eficazes para a convivência harmônica entre os seres humanos.

Bibliografia

AUEL, Jean M. *A filha das cavernas: vol. I. Os filhos da Terra*. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

⁴⁰Ver REICH, Wilhelm. *Irrupção da moral sexual repressiva*. Trad. Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/data. Ver também: REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. Ver ainda: KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. Trad. Roberto Goldkorn. São Paulo: Global editora, 1978.

- _____. *Os caçadores de mamutes. A saga dos filhos da Terra*. Trad. Sophie Penberthy Vinga. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1985.
- _____. *O vale dos Cavalos*. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- BASTOS, Solange. *O paraíso é no Piauí. A descoberta da arqueóloga Niède Guidon*. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010.
- BUCO, Cris; IGNÁCIO, Elaine; OLIVEIRA, Ana Stela N. & NASCIMENTO, Ana Clélia do. *A mulher na pré-história da Serra da Capivara*. FUMDHAMentos IX, Global Rock Art: Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre. IFRAO, Parque Nacional Serra da Capivara, PI, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COON, Carleton S. *A história do homem*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. *Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil*. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, SP, 2003.
- DIAWARA, Fodé. *O manifesto do homem primitivo*. Trad. Franco de Sousa. Lisboa: Futura, 1973.
- FRIEDMAN, Estelle. *A formação do homem*. Trad. Almira Guimarães. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- _____. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). *História e representações: cultura, política e gênero*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.
- _____. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.
- KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana. Trad. vários. In: (org.) KI-ZERBO, J. *História Geral da África*. Trad. Beatriz Turquetti et al., v. 1. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.
- KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. Trad. Roberto Goldkorn. São Paulo: Global editora, 1978.
- LEAKEY, Richard. *Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro*. Trad. Maria Luiza da Costa G. de Almeida. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- MONZON, Susana. *A representação humana na arte rupestre do PI: comparações com outras áreas*. *Revista do Museu Paulista*. Nova série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP 1981/82.
- NARR, K. J. *Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana*. In: GADAMER, H. G; e VOGLER, P. *Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural*. Coord. Egon Schaden. São Paulo: EPU-USP, 1977.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. Parque Nacional Serra da Capivara. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2003.
- PINKER, Steven, *Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

- REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980.
- REICH, Wilhelm. *Irrupção da moral sexual repressiva*. Trad. Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/data.
- _____. *A revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. Trad. Betty M. Lafer. In: CARVALHO, Edgard de Assis (org.). *Antropologia Econômica*. São Paulo: Livraria de Ciências Humanas, 1978.
- SENE, Glaucia Aparecida Malerba. *Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais*. Tese doutorado em Arqueologia, Universidade de São Paulo: MAE, 2007.
- TAYLOR, Timothy. *The history of sex: four million years of human sexual culture*. Bantam/Fouth Statte. s/d, 1 e editora.
- WENDT, Herbert. *A procura de Adão*. Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, s/data.